




---



---

## AS PEGADAS DE AXIOTÉIA

---



---

### *IN THE FOOTSTEPS OF AXIOTÉIA*

**NARDI, Edson Renato <sup>1</sup>**

---

#### RESUMO

Buscamos neste artigo investigar a relação entre a mulher e a filosofia. Para tanto, inicialmente apresentamos algumas justificativas deste tema e exemplificamos brevemente algumas das mulheres que compuseram a história da filosofia. Logo a seguir, pusemo-nos a realizar uma breve análise de como a mulher foi tratada no chamado período de ouro da filosofia grega. Após isto, lidamos com obras contemporâneas a respeito de uma aluna de Platão intitulada Axiotéia. E, por fim, com uma obra produzida no século III d.C. pelo biógrafo Diógenes Laércio e que apresenta indícios a respeito da existência desta mulher. A partir destes elementos pusemo-nos a levantar hipóteses sobre o que estes indícios poderiam representar e, através deste exercício, apresentamos a possibilidade de que Axiotéia e outra aluna chamada Lasthenia poderiam vir a influenciar as considerações positivas que o filósofo Platão apresentou em relação à mulher em sua grande obra A República. Destes elementos pudemos concluir a importância das investigações que tratem deste tema e a necessidade de maiores estudos para se investigar e resgatar a história da mulher na Filosofia.

**Palavras-chave:** Mulher, Filosofia, Axiotéia.

#### ABSTRACT

We seek in this article to investigate the relationship between the woman and the philosophy. For both, initially we present some justifications of this theme and exemplify briefly some of the women who wrote the history of philosophy. Shortly thereafter, we ourselves to perform a brief analysis of how the woman was treated in the so-called golden period of Greek philosophy. After this, dealing with contemporary works as a student of Plato entitled Axiotéia. And, finally, with a work produced in the 3rd century AD by the biographer Diogenes Laertius and presenting evidence about the existence of this woman. From these elements we use to raise hypotheses about what these signs could represent and, through this exercise, we present the possibility that Axiotéia and another student called Lasthenia could influence the positive considerations that the philosopher Plato presented in relation to the woman in his great work the Republic. From these elements we can conclude the importance of research that address this issue and the need for further studies to investigate and rescue the woman in the history of philosophy.

**Keywords:** Women, Philosophy, Axiotéia.

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia e Educação Física pelo CEUCLAR e mestre em Educação Escolar pela UNESP. Atualmente atua como professor de Filosofia na rede pública de ensino e como professor presencial e tutor EAD no Centro Universitário Claretiano nas graduações de Filosofia, Pedagogia e Educação Física. E-mail: [vitableve@hotmail.com](mailto:vitableve@hotmail.com).



## O estímulo para a investigação

Na última década do século XX um romance ficcional acabou por trazer novas possibilidades de se enveredar pela filosofia e as ideias de um filósofo. Baseando-se na construção fictícia do encontro do médico Joseph Breuer (professor de Sigmund Freud) e Friedrich Nietzsche, o escritor americano Irving Yalom em sua obra *Quando Nietzsche Chorou* acabou por apresentar uma série de facetas históricas deste filósofo e também de alguns conceitos nevrálgicos da filosofia nietzscheana.

Dentre os temas por ele abordados, um destes chamou a atenção de filósofos e apreciadores da filosofia e consistiu na possibilidade argumentativa de que uma personagem real presente na vida de Nietzsche acabou por exercer no pensador de Rocken uma grande influência nas ideias que apresentou em seus escritos e esta personagem seria a escritora russa Lou Andréas Salomé.

Esta escritora, que manteve entre seus vínculos pessoais, além do próprio Nietzsche, o compositor alemão Richard Wagner, Sigmund Freud e ainda o poeta Rilke, segundo a abordagem de Yalom (existem outras produções que aventam este caminho argumentativo) teria transformado a vida de Nietzsche e mesmo influído decisivamente em algumas das reflexões que foram apresentadas em seus textos.

Este construto hipotético produzido por Yalom acabou por gerar um amplo debate sobre este aspecto da vida de Nietzsche, levando inclusive uma busca e leitura de produções de Lou Salomé que abordassem suas ideias, sua vida, etc. Além disso, gerou também uma nova legião de fãs que acabaram por ver nesta personagem a presença feminina no pensamento filosófico, arregimentando desde feministas engajadas na busca de igualdade entre os gêneros, até pesquisadores que tem buscado localizar e identificar esta presença.

Consideramos todo este interesse

gerado como algo natural, pois, como bem o sabemos, ao longo da história da filosofia, esta se baseou quase que integralmente na história de homens filósofos. Além disso, constatamos também que este silêncio da palavra feminina sobre a *ratio* pode vir a ser o sintoma de relações desiguais de gênero que certamente povoam nossa história cultural.

Diante desse fato, pusemo-nos também a pesquisar tal temática e, ao fazê-lo, acabamos por encontrar em personagens da vida reais tais como Simone de Beauvoir (1970), Edith Stein (2004) e Hannah Arendt (1989) uma série de produções que representam com força a presença feminina na seara filosófica, ou ainda, em personagens femininas citadas em textos clássicos dos primeiros séculos da filosofia representadas por Hypatia, Diotima, Aspásia, entre outras, várias referências a mulheres que se dedicaram a prática e estudo da filosofia.

No entanto, além destas figuras (muitas delas conhecidas entre os apreciadores da filosofia), acabamos por localizar ao longo do tempo que temos nos dedicado a leitura de textos filosóficos e da história da filosofia, rastros de outras personagens femininas.

Estas personagens, muitas vezes eram citadas ora de forma breve no texto de um ou outro pensador<sup>2</sup> ou ainda, apareciam em notas de rodapé de comentadores e, em ambos os casos, acabavam por demonstrar a existência de mulheres que se encantaram e entabularam uma franca conversa com o texto filosófico e que, dado a nossa herança

<sup>2</sup> Um dos melhores exemplos da valorização da mulher pode ser vista nas produções do filósofo inglês John Stuart Mill. Em uma de suas grandes obras intitulada *Da Liberdade*, o referido filósofo agradece a sua mulher Harriet Taylor Mill pela contribuição as suas reflexões. Além disso, produziu também em co-autoria com Harriet Mill um texto intitulado *A Sujeição das Mulheres* (1869). Neste último há uma ênfase a necessidade da defesa da igualdade entre homens e mulheres o se tornou uma flagrante afronta aos valores tradicionais europeus da época.



cultural avessa à presença da mulher no exercício da reflexão, ficaram exemplificadas em algumas pegadas encontradas aqui ou acolá dentro das vastas terras da filosofia.

Diante desses rastros acabamos então por nos dedicarmos a analisar um destes e apresentá-lo neste artigo, intentando com isso, fazer uma espécie de paleografia destes indícios buscando, ainda que superficialmente, apresentar possibilidades e prováveis elementos caracterizadores destas personagens e, em especial, Axiotéia.

Buscamos com tal iniciativa, ilustrar o quanto nas entrelinhas da filosofia existe uma série de mulheres que gravitaram a busca da *sophia* e que, se pudessem se manifestar no contexto histórico em que viviam, certamente se fariam valer a partir de suas ideias.

O instrumento metodológico que nos move e inclusive forneceu inspiração para o título deste artigo, baseia-se no chamado **paradigma indiciário** tal como foi proposto por Carlo Guinzburg (1990) e que se caracteriza pela tentativa de resgatar nas ciências humanas esta capacidade de localizar, por intermédio de indícios (metaforicamente manifestados como pegadas), todo um caminho até então intraduzível, pois, segundo este autor:

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimento das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pelos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GUINZBURG, p. 151).

Em nosso caso, o denso bosque com o qual lidaremos, são citações esparsas ora aqui, ora acolá e que fazem menção a uma mulher chamada Axiotéia e que, além

disso, que esta teria sido aluna de Platão.

Por intermédio destas e outras citações relativas a esta personagem, que comporão os nossos indícios ou pegadas, pretendemos estabelecer algumas possibilidades de interpretação destes dados, estabelecerem a força destes sinais, verificar para onde eles se dirigem e elencar possibilidades que os geraram..

Sabemos que ao optarmos por tal estratégia, sairemos da segurança do já sabido e adentraremos ao instável e quase sempre arriscado mundo da hipótese, mas, não será a filosofia um constante ir e vir destas mesmas hipóteses e ou possibilidades?

Por fim, ainda no que se refere a nossa introdução, cabe dizer ainda que embora tenhamos optado por tal personagem, consideramos importante salientar que temos como certo a referência a outra mulher presente na Academia platônica, isto porque, na medida em que fazíamos esta pesquisa, acabamos por encontrar em Waithe (1987) novos indícios a este respeito quando esta autora afirma que:

Diotima e Aspasia são as únicas duas mulheres que foram caracterizadas como filósofas nos diálogos socráticos, contudo outras mulheres, notadamente Axiotheia de Phileia e Lasthenia de Mantinea, foram conhecidas como sendo alunas de Platão” (WAITHE, 1987, p. 83).

No entanto, ainda que Lasthenia apresente pistas de suas pegadas presentes no terreno que iremos investigar, convém que neste momento, centremos nosso foco em Axiotéia dado os limites que estabelecemos para a finalidade deste artigo.

### As pegadas de Axiotéia

Antes de nos cercarmos das primeiras pegadas, convém que introduzamos você leitora(r) ao ambiente histórico/cultural em que se manifestaram estas pegadas. Consideramos este preâmbulo pertinente,



pois com esta iniciativa, acreditamos poder dar mais ênfase a originalidade e importância dos vestígios deixados por Axiotéia.

Para iniciarmos este preâmbulo, convém analisarmos a seguir qual era o tratamento dado à mulher no período em que nossa personagem viveu. Nesse sentido, deve-se dizer que os vestígios de Axiotéia encontram-se no chamado período clássico da cultura grega, período este que vai de 500 a.C. a 336 a.C.

Neste período há aquilo que muitos intitulam de milagre grego e este termo foi cunhado para se referir às inovações culturais, filosóficas e científicas que acabaram por delinear a cultura ocidental.

Dentre estas inovações, consideramos pertinente apresentar as contribuições advindas da chamada democracia ateniense e, em especial, as manifestadas sob a regência de Péricles aquele que muitos intitulam como o grande líder desta forma de regime político.

Levantamos este aspecto, pois ele pode vir a ser sintomático da forma em que se dava a consideração sobre a mulher neste período e, por outro lado, busca quebrar também um equívoco muito comum e este se refere a possibilidade levantada por muitos de que a democracia ateniense daquele período poderia vir a ser para todos.

Especificamente em relação ao nosso tema, há de se lidar finalmente com a situação da mulher neste período e esta era como se segue:

As mulheres, claro, foram excluídas das operações da democracia, e não foram envolvidas em qualquer um dos campos de conhecimento da produção cultural. Quando se considera a natureza da realização Clássica, é importante lembrar que a experiência da mulher deste fenômeno pode muito bem ter sido muito diferente daquela de seus compatriotas homens. (BLUNDELL, 1995, p. 97)

Como se percebe, a participação do *demos* se restringia ao homens e além deste

afastamento político e cultural da mulher, existiam outros aspectos que ilustravam esta diferenciação, dentre estes, destacamos a peculiaridade com que se considerava a mulher e o seu corpo. O corpo feminino, segundo os médicos que se inspiravam pela medicina de Hipócrates, era considerado como “um caso especial, um desvio da norma masculina” (BLUNDELL, 1997, p. 98).

Destes elementos que apresentamos, convém ainda que acrescentemos que era dado à mulher neste período, o direito de exercer um papel público somente em rituais e outros elementos similares. Caso viesse a necessitar a ser julgada ou tomar parte em algum julgamento, deveria ser representada por um cidadão ateniense e este seria o responsável pela mulher na demanda jurídica ora em curso.

Emblematicamente, podemos finalizar esta breve contextualização nos amparando ainda em Blundell, quando esta autora, ao lidar com o papel da mulher no sistema político de Atenas, nos informa que “foi-lhes dado um papel na transmissão dos direitos dos cidadãos, elas mesmas não usufruíram a plena cidadania” (1997, p. 119). Especificamente em relação a esta última citação, é necessário que nos dediquemos mais a ela, pois nos apresenta um dado interessante e este se refere ao fato de que o filho trazido à luz pela mulher ateniense adquiria o status de cidadão e, por outro lado, a possuidora do ventre que gerou este cidadão não possuía o mesmo status de cidadania.

Do que foi afirmado até agora, consideramos que já existem condições suficientes para lidarmos com as primeiras pegadas com o qual nos defrontamos e que dão título a este artigo. Estas acabaram por se afigurar nas considerações que o filósofo e historiador da filosofia Nicola Abbagnano (1970) quando este autor, ao lidar com a filosofia antiga e, mais especialmente, com a obra de Platão, nos apresenta o que se segue:



Conta-se que uma mulher, **Axioteia** (grifo nosso), após a leitura dos escritos platônicos, se apresentou em trajes masculinos a Platão, e que um camponês coríntio, depois da leitura do Górgias, deixou o arado e foi ter com o filósofo. Estas anedotas demonstram que os contemporâneos de Platão tinham compreendido o valor humano da sua filosofia. (ABBAGNANO, 1970, p. 160).

Como se percebe, segundo a abordagem de Abbagnano, na medida em que as idéias platônicas acabam por ser ventiladas, estas acabam por atingir as classes sociais que, até então, não tinham acesso ao conhecimento (camponês coríntio) e, por outro lado, atinge também o gênero feminino manifestado na afirmação de que Axioteia se apresentou a Platão.

Um primeiro elemento que consideramos importante salientar e que está apresentado na citação acima e que convidamos a(o) leitora(or) carregar consigo para nossa discussão futura refere-se a referência ao uso que Axioteia fez de trajes masculinos para se apresentar a Platão.

Após estes primeiros vestígios desta personagem, fomos buscar novos elementos neste terreno e acabamos por encontrar outros traços desta pegada, na medida em que Hadot (2004) ao se dedicar a analisar a divulgação das idéias platônicas por intermédio dos seus diálogos acabou por constatar que, em razão do contato com as idéias platônicas:

É assim que Axioteia, mulher de Fliunte, tendo lido um dos livros da República, vai a Atenas para tornar-se aluna de Platão, e os historiadores antigos afirmaram que ela durante muito tempo escondeu o fato de ser mulher (HADOT, 2004, p. 112).

Como se percebe neste novo traço de pegada apresentado, um segundo elemento se nos apresenta e este nos informa que Axioteia fora mulher de Fliunte, leu um dos livros da República e que escondeu o fato de ser mulher durante muito tempo.

Por fim, buscando localizar alguns

vestígios mais antigos destas pegadas, acabamos por detectar que ambos os autores acabam por se valer das considerações deixadas pelo biógrafo Diogenes Laercio.

Especificamente em relação a este autor, pouco informação encontramos a seu respeito, pudemos constatar tão somente que Diogenes realizou uma biografia dos filósofos gregos em sua obra *Vidas e Opiniões de Eminentíssimos Filósofos* em meados do século III d.C. e é referência para aquele que busca informações a respeito da vida dos filósofos gregos.

Além disso, constatamos também que existem críticas em relação a este autor, advindas, sobretudo pelo fato de que em sua obra se apresentam informações pouco críticas ou filosóficas, se atendo mais para a vida privada dos filósofos. No entanto, é exatamente este fato que acabou por trazer informações que não se referiam somente às idéias dos filósofos e que se vinculam ao tema deste artigo.

Especificamente em relação ao nosso tema pudemos constatar que, segundo as considerações de Diógenes, Platão admitiu tanto homens quanto mulheres em sua academia, pois no texto deste biógrafo, ao se dedicar às informações sobre os principais alunos de Platão apresenta-nos o que se segue:

Seus discípulos foram, Speusipo o ateniense, Zenocrates de Calcedon, Aristóteles o Stagirita, Felipe de Opus, Histiasu de Perinthus, Dion de Siracusa, Amyclus de Heraclea, Erastus e Coriscus de Sceptos, Timolaus de Cyzicus, Eudon de Lampasacus, Pithon e Heraclide de Aemus, Hippothales de Pontus, e **numerosos outros, entre os quais havia duas mulheres, Lasthenea de Mantinea, e Axiothea de Phlius que chegaram até mesmo a usar roupas de homens** (grifo nosso), como nos foi dito por Dicaearchus (LAERTIUS, 1915, p. 129).

Com esta informação apresentada por Diogenes, consideramos ter apresentado os indícios ou pegadas que inspiraram a nossa investigação. Se a princípio tínhamos



alguns detalhes que nos apresentavam algumas possibilidades apresentadas pelos primeiros textos com o qual lidamos com informações sobre Axiotéia, na medida em que lidamos com o texto originário, manifestado nas afirmações de Diogenes Laercio, outros elementos são apresentados para nós.

O primeiro aspecto a se analisar é que, diferente das informações apresentadas por Hadot que associa a ida de Axiotéia à academia platônica por intermédio da leitura da obra *A República*, Diogenes Laercio nos apresenta tão somente estas duas mulheres como alunas de Platão e nos informa que estas faziam uso de roupas masculinas.

Com estes indícios em mãos e considerando que as afirmações de Diogenes Laercio são verossímeis, poremos-nos agora a lidar com os mesmos e aventar hipóteses das razões que estes indícios se manifestaram desta forma. O primeiro indício refere-se ao uso de trajes masculinos, este nos remete a seguinte questão: por que as personagens se vestiam com trajes masculinos?

A primeira hipótese que aventamos é a de que tal ato representa a tentativa de se ter acesso a um ambiente que era tido tipicamente como sendo para homens (a Academia) e, dado o preconceito difundido da sociedade ateniense de que a mulher era inferior ao homem e impedida da possibilidade para o filosofar, Axiotéia acaba tendo como único recurso se “infiltrar”, ou seja, vestir-se como homem para que pudesse participar daquele ambiente predominantemente masculino.

A segunda hipótese que consideramos possível seria a de adequação ao ambiente em que estas mulheres se encontravam, pois, se não era dada à mulher a possibilidade de participação nestes ambientes, elas acabam por se vestir com trajes masculinos para se “adequar” ao ambiente existente na Academia platônica pois, ainda que pudessem participar das aulas, tinham que se vestir de acordo com

os padrões exigidos e, conseqüentemente não gerar mais controvérsia pois seus trajes masculinos tornavam-nas iguais aos demais.

Destas duas hipóteses apresentadas, consideramos justo apresentarmos o primeiro elogio a atitude destas duas mulheres, pois, por meio do ato que adotaram é possível perceber uma pessoa que tem como prazer o pensar e, para realiza-lo, se vê obrigada a não se apresentar tal como se é! Em tal ato vemos não somente o amor pela sabedoria mas também uma vontade que a coloca acima de seus temores (posto que pode ser denunciada ou perseguida) e esta vontade encontra-se profundamente vinculada com o desejo pelo saber.

Para que você leitora(r) possa ter uma idéia em cores, músicas e sons de tal desejo e ousadia que levaram Axiotéia a tomar tais iniciativas, consideramos oportuno abriremos um parêntese em nossa argumentação e convidá-la(o) a se apropriar desta atitude tomada pela personagem grega por intermédio de uma analogia que encontramos e que pode ser vista em um filme de 1983 chamado *Yentl*.

Este filme, que foi baseado na obra do escritor Isaac Bashevis Singer, mostra uma personagem feminina (*Yentl*) que, lutando contra o preconceito religioso que a impedia de estudar o Talmud, acaba por cortar seu cabelo, muda secretamente o seu nome para Anshel como único recurso para se ter acesso a um saber que até então não era confiado às mulheres.

Apresentado então este parêntese vamos agora lidar com o segundo elemento que lhe apresentamos e este se refere ao fato de que ambas foram alunas de Platão. Um primeiro aspecto a se considerar refere-se às razões que levaram tanto Hadot a apresentar a informação de que Axiotéia veio a ter contato com um dos livros de *A República* de Platão e a partir de tal contato, esta se põe a ir para Atenas com o intuito de se tornar aluna de Platão.

Um aspecto importante a se



apresentar sobre Platão foi que este é um dos únicos filósofos ao longo da história da filosofia que em seus escritos, acabou por dar à mulher qualidades e condições semelhantes às dos homens. Em razão disso, acreditamos que Hadot considerou a possibilidade de que Axiotéia tenha se deparado com um texto específico da obra platônica presente em A República e este seria a argumentação presente no livro V, isto porque, neste livro se aponta a possibilidade de a mulher possuir as mesmas condições que o homem para exercer as funções existentes na Polis:

[...] não há na administração da cidade, nenhuma ocupação, meu amigo, própria da mulher enquanto mulher, nem do homem, enquanto homem, mas as qualidades naturais estão distribuídas de modo semelhante em ambos os seres, e a mulher participa de todas as atividades, de acordo com a natureza, e o homem também, conquanto em todas elas a mulher seja mais débil do que o homem... A aptidão natural, tanto do homem como da mulher, para guardar a cidade é, por conseguinte, a mesma, exceto na medida em que a desta é mais débil, e a daquele mais robusta. (PLATÃO, A república. p. 220-221).

Certamente a(o) leitora(or) incauta(o) talvez se assuste com a referência a debilidade da mulher, debilidade esta manifestada talvez a partir de um olhar masculino vinculado ao vigor físico, no entanto, o fato de que se apresente a possibilidade de que a mulher tenha as mesmas qualidades naturais que o homem, ou seja, que possua uma mesma natureza e que possa participar de todas as atividades concernentes à Polis, quer estas sejam de ordem física ou intelectual certamente é algo inusual na história da Filosofia e, em razão disso, concordamos com Brumbaugh e Lawrence quando estes afirmam que Platão foi o grande educador revolucionário de seu tempo em razão da sua “insistência na igualdade da mulher” (BRUMBAUGH; LAWRENCE, 1963, p.38).

Para que você possa ver um contraste

do que se pensava à época sobre a mulher, te convidamos a verificar abaixo o comentário apresentado a respeito deste tema por Aristóteles, discípulo de Platão:

As mesmas considerações se aplicam aos animais em relação ao homem: a natureza dos animais domésticos é superior à dos animais selvagens, e, portanto para todos os primeiros é melhor ser dominados pelo homem, pois esta condição lhes dá segurança. Entre os sexos também, o macho é por natureza superior e a fêmea inferior; aquele domina e esta é dominada; o mesmo princípio se aplica a todo o gênero humano, portanto, todos os homens que diferem entre si para pior no mesmo grau em que a alma difere do corpo e o ser humano difere de um animal inferior ( e esta é a condição daqueles cuja função é usar o corpo e que nada melhor podem fazer), são naturalmente escravos, e para eles é melhor ser sujeitos à autoridade de um senhor, tanto quanto o é para os seres já mencionados. (ARISTÓTELES, 1985, p. 1254b).

Como você pode perceber, as abordagens são terrivelmente distintas e, em Platão, é dado à mulher o mesmo status de natureza que a do homem. Diante desses elementos, há de pensar a possibilidade de que Axiotéia, uma pessoa provavelmente seduzida pelo amor à sabedoria e que, dado uma sociedade desigual, não lhe é disponibilizada a possibilidade de ter acesso a este saber.

Imaginemos como seria difícil para esta mulher ter acesso aos textos filosóficos, estes talvez tenham sido lidos na calada da noite ou na solidão de algum recanto pois a ela não lhe seria dado este direito e, de repente, lhe aparece um texto de um pensador que se vincula ao que busca e este argumenta exatamente aquilo que Axiotéia percebia em seu íntimo, quer seja, que a sua natureza possuía, de fato, condições para o filosofar.

Como se percebe, nesta tentativa de analisarmos as razões que Hadot associou a presença de Axiotéia, há um grande reconhecimento a Platão e a forma como este pensador concebeu a mulher na sua



obra “A República”.

No entanto, como em Diógenes Laércio não há nenhuma referência a obra citada como motivo da presença de Axiotéia e Lastheneia na academia platônica porém-nos agora a lidar com uma outra hipótese do indício apresentado na obra de Diógenes e esta é a que apresenta mais riscos e ousadia ao tecermos este artigo.

A hipótese a qual nos referimos se baseia no fato de que ambas vestiram-se como homens na academia. Diante desta informação consideramos a possibilidade de que Axiotéia e Lastheneia mantiveram-se em segredo nesta condição e, na medida em que Platão tenha se apercebido de que ambas eram mulheres e que, independente de tal condição, encontravam-se aprendendo e participando de suas aulas como qualquer outro aluno, este grande pensador grego possa vir a ter vislumbrado a potencialidade feminina e, em razão disso, tenha passado a defender a igualdade da mulher perante o homem.

Dito de outro modo, poderíamos dizer que existem indícios suficientes que nos permitem levantar a hipótese de que o texto platônico presente na República e que advoga a igualdade de capacidades entre homens e mulheres poderia ter advindo do contato que Platão realizou com Axiotéia e Lastheneia.

Sabemos dos riscos ao assumirmos estas hipóteses, pois, como informamos anteriormente, a obra de Diógenes Laércio tem recebido ao longo do tempo críticas e questionamentos, mas, para nos defendermos de uma possibilidade de ataque a esta condição, devemos informar que as críticas endereçadas a este biógrafo se deram, sobretudo pelo tipo de informação que buscou apresentar (ênfase nos aspectos pitorescos da vida do filósofo em detrimento dos aspectos filosóficos) e não exclusivamente a veracidade das mesmas.

Caso as informações apresentadas por Diógenes Laércio sejam verdadeiras, não

vemos motivos que nos impeçam de considerar como plausível a hipótese apresentada por nós e que expomos neste artigo.

Com isso, esperamos com este artigo ter fornecido desafios e questionamentos que promovam um profícuo debate com o intuito de que estas hipóteses sejam aprofundadas ou ainda, quem sabe, contestadas ou refutadas.

Por fim e a guisa de conclusão, acreditamos que os vestígios deixados por algumas mulheres ao longo do tempo acabam por demonstrar que embora a sociedade tivesse agido de modo a impedir o acesso ao exercício da razão a determinado grupo ou gênero, rupturas aconteceram e estas, embora sejam apresentadas somente em alguns escritos a qual temos acesso, acaba por nos mostrar a possibilidade de que existiram muitas outras Axiotéias ao longo da história da Filosofia.

Por sorte, hoje não mais é necessário que tentemos analisar vestígios, na verdade temos atualmente uma forte participação feminina no pensamento filosófico e isto faz com que estas mulheres imprimam pegadas sólidas e caminhos plenamente definidos o que faz com que terminemos este texto desejando que o número de Axiotéias possa se multiplicar mais e mais, pois, como sabemos, a natureza para o filosofar esta em todos nós.





## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. Tradução Nuno Valadas, António Ramos Rosa. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARISTÓTELES. *A política*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.
- BLUNDELL, Sue. *Women in ancient greece*. London: Harvard, 1995.
- BRUMBAUGH, Robert S & LAWRENCE, Nathaniel M. Lawrence. *Philosophers on Education: Six Essays on the Foundations of Western Thought*. Boston: Houghton Mifflin Co., 1963.
- CAMARGO, Iberê. *A Idiota*. Coleção Maria Coussirat Camargo. Óleo sobre tela, 155 x 200cm. Fundação Iberê Camargo, 1991.
- GUINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" IN: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LAERTIUS, Diógenes. *The lives and opinions of eminent philosophers*. London: G. Bell and Sons, Ltd, 1915.
- PLATÃO. *A república*. trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 220.
- STEIN, Edith. *A ciência da cruz*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- WAITHE, Mary Ellen. *Ancient women philosophers, 600 B.C. -500 A.D.* Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1987.